



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

A NARRATIVA COMO PERSPECTIVA TÉORICO-METODOLÓGICA DE INVESTIGAÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Silvane Fensterseifer Isse

Resumo

Este texto apresenta aspectos teóricos sobre a narrativa, perspectiva teórico-metodológica do projeto de tese de doutorado aprovado pelo PPGCMH, da UFRGS, o qual tem como objetivo compreender de que forma as aprendizagens, sentidos, percepções, memórias da formação inicial afetam as práticas docentes realizadas por estudantes-estagiários no Estágio Supervisionado do Curso de Licenciatura em Educação Física. Apresenta a narrativa como escrita biográfica, a qual permite que, aquele que narra, dê sentido, compreenda significados atribuídos às diferentes experiências vividas e se reinvente. O narrador, nesse sentido, torna-se sujeito da reflexão, protagonista de sua formação. Propõe que nossas memórias estão marcadas em nosso corpo, nossos afetos, nossos pensamentos e nossas relações e que lembrar é dispor-se à recriação da vida e das relações sociais, já que o ato de narrar nos faz problematizar nossas escolhas, nossas adesões ou nossas resistências. Narração é movimento, transitoriedade, mutabilidade, ser em processo. A centralidade da pesquisa que utiliza as narrativas não está no conhecimento das coisas, mas no conhecimento das pessoas. Cabe ao investigador criar oportunidades, projetar tempos, espaços, estratégias para o exercício de narrar/refletir/problematizar/articular as experiências, que são ao mesmo tempo individuais e coletivas.

Palavras-chave: Narrativa. Sentidos. Recriação.

Abstract

This paper presents the theoretical aspects related to the narrative, theoretical-methodological perspective of the doctoral thesis project approved by PPGCMH, UFRGS, which aims to understand how the learnings, senses, perceptions and early formation memories affect the teaching practices performed by student-interns in the Supervised Teaching Practice required to major in Physical Education. It presents the narrative as biographical writing, which allows the one who narrates to understand the meanings attributed to the different experiences lived and reinvent him/herself. The narrator, in this sense, becomes subject of the reflexion, protagonist of his/her education. It suggests that our memories are marked in our body, in our emotions, in our thoughts and in our relations, and that to remember is to make yourself available to recreate life and the social relations, since the act of narrating makes us question our choices, our adhesions or our resistances. Narration is movement, transience, mutability, being in process. The core of the research that uses the narrative is not in knowing the things, but in knowing the persons. It is up to the investigator create opportunities, design time, space and strategies for the exercise of



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

narrating/reflecting/questioning/articulating the experiences, which are, at the same time, both individual and collective.

Keywords: Narrative. Senses. Recreation

Resumen

Este artículo presenta los aspectos teóricos de la narrativa, perspectiva teórico-metodológica del proyecto de la tesis doctoral aprobada por el PPGCMH, de la UFRGS, cuyo objetivo es comprender cómo los aprendizajes, los sentidos, las percepciones, las memorias de la formación afectan a las prácticas de enseñanza realizadas por los estudiantes-pasantes en el Fase Supervisada de la Licenciatura de Educación Física. Presenta la narrativa como la escrita biográfica, que permite a la persona que narra, dé sentido, entienda los distintos significados atribuidos a las diferentes experiencias vividas y si reinvente. El narrador, en este sentido, se convierte en un sujeto de reflexión, el protagonista de su formación. Propone que nuestros recuerdos están marcados en nuestro cuerpo, nuestras emociones, nuestros pensamientos y nuestras relaciones y que recordar es disponerse a la recreación de la vida y de las relaciones sociales, ya que el hecho de contar nos hace problematizar nuestras escojas, nuestras adhesiones o nuestras resistencias. La narración es movimiento, transitoriedad, mutabilidad, ser en proceso. La centralidad de la investigación que utiliza las narrativas no está en el conocimiento de las cosas, pero en el conocimiento de las personas. Cabe al investigador crear oportunidades, proyectar tiempos, espacios, estrategias para el ejercicio de narrar / reflejar / problematizar / articular las experiencias que son al mismo tiempo individuales y colectivas.

Palabras clave: Narrativas. Sentidos. Recreación.

Este texto apresenta a perspectiva teórico-metodológica do projeto de tese de doutorado, aprovado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que tem como objetivo compreender de que forma as aprendizagens, sentidos, percepções, memórias da formação inicial afetam as práticas docentes realizadas por estudantes-estagiários no Estágio Supervisionado do Curso de Licenciatura em Educação Física.

O que me move para a investigação

“[...] investigar não é uma prática burocrática. [...] a atividade de pesquisa tem sentido porque queremos melhorar a escola, porque acreditamos nos professores e no ensino como possibilidade de fazer e organizar outras formas de produzir e reproduzir a vida em comum.” (MOLINA NETO; MOLINA, 2005, p.55)



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

Ao longo de toda minha experiência como formadora de professores, minhas maiores inquietações têm sido: como posso contribuir, através do meu trabalho e da pessoa que eu sou, para que o mundo fique mais interessante, para que a educação física possa mostrar sua potência educativa, para que, ao ensinar, eu possa contribuir, de alguma forma, para o processo de criar e recriar o mundo, as relações, os saberes? Desejo ousado! Ocupar um espaço no mundo acadêmico como professora e investigadora parece ganhar sentido à medida que aqueles com os quais eu compartilho reflexões, debates, questionamentos, percepções possam ter uma vida inventiva, inquieta, propositiva – que a vida desperte para os prazeres de estar no mundo. Será que tenho esse poder?

Compartilhar, escutar, interessar-me pelas histórias das pessoas tem sido a minha escolha, tem sido meu caminho como formadora de professores de educação física. Abrir a escuta se faz necessário para que se possa compreender de que forma chegamos à educação física que temos hoje, como fomos escolhendo nossas práticas pedagógicas, como chegamos aos saberes que hoje estão legitimados e por que descartamos outros. Quando, como, por que algumas ideias, saberes, experiências nos afetam, nos deixam tomados, mobilizados? O que ganha significado a tal ponto de ser colocado em pauta, debate, discussão em sala de aula? Dar ao outro a oportunidade de narrar a(s) sua(s) história(s) parece ser um caminho bastante interessante para desvelar movimentos de pensamento, ação, afetos que produzem experiências docentes. Escutar e ler as histórias de vida dos meus estudantes, estagiários no que se refere a esta investigação, me parece, como colocam Molina Neto e Molina (2005, p.50), “um bom projeto de investigação”.

A narrativa: perspectiva teórico-metodológica da investigação

[...] narrar é considerar percursos de vida e entrar em contato com lembranças (distantes ou próximas), sentimentos e subjetividades, ou seja, é "caminhar para si".
(Wittizorecki et al, 2006, p.20)

Narrar é atualizar nossas experiências de vida. “Narramos fatos, feitos, fenômenos. Narramos experiências, sentimentos, outras pessoas e nos narramos. “[...] narrar é dimensão fundamental de comunicação humana e de atribuição de significado ao mundo.” (WITTIZORECKI et al, 2006, p.10) Ao narrarmos nossas próprias histórias, damos sentido às nossas experiências e nos reinventamos (PASSEGI, 2011). O exercício da narrativa nos permite “identificar, organizar e nomear os significados que atribuímos a inúmeros fatos que vivemos, mediante os quais podemos reconstruir as diversas compreensões que temos sobre nós mesmos” (MOLINA NETO; MOLINA, 2005, p.36). Segundo Larrosa (2006), citado por Passegi (2011,p.147), “somos a narrativa aberta e contingente da história de nossas vidas, a história de



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

quem somos em relação ao que nos acontece”. “O tempo de nossas vidas”, nos diz López (2001, p.189), “é um tempo narrado”.

A experiência [...] constitui-se nessa relação entre o que nos acontece e a significação que atribuímos ao que nos afetou. Isso se faz mediante o ato de dizer, de narrar, de (re)interpretar. As “vidas”, nos diz Bruner (1995, p.142), são textos sujeitos a “revisão, exegese, reinterpretação e assim por diante”. Ao reinterpretar a vida, não se nega um “texto” anterior, mas sua interpretação. Se os acontecimentos são fugitivos, e arredias suas interpretações, por que há experiências que nos enclausuram e outras que nos empurram para novas aventuras? (PASSEGI, 2011, p.149)

A vida que levamos, as experiências pelas quais passamos, as pessoas com as quais convivemos, os ambientes pelos quais circulamos, os discursos que ouvimos, as pedagogias às quais somos submetidos nos constituem como sujeitos. Todos nós somos herdeiros da vida que levamos. Nossas memórias estão marcadas em nosso corpo, nossos afetos, nossos pensamentos, nossas relações. Tornar nossas memórias evidentes, dar passagem às nossas lembranças é uma forma de darmos sentido àquilo que somos, pois “o sentido daquilo que somos ou, melhor ainda, de quem somos, depende em boa parte das histórias que contamos e que nos contamos.” (LÓPEZ, 2001, p.188)

A memória, colocam Wittizorecki et al (2006), fundamentando-se em (Abrahão, 2004), é um elemento-chave do trabalho com pesquisas biográficas, tendo em vista que a experiência humana é temporal e as memórias são seletivas. Elas são, muitas vezes, imagens, fragmentos daquilo que nos afetou, que nos tocou ou que nos sentimos “autorizados” a lembrar. “A memória não é sonho, é trabalho”. (BOSI, 1994, p.55 *apud* HONÓRIO FILHO, 2011, p.193) O desejo de lembrar, nos diz Honório Filho (2011, p.189) “nem sempre vem acompanhado da lembrança. [...] a memória vem elegantemente acompanhada pelo esquecimento, quando ousamos navegar pelo pandemônio turvo das nossas recordações”.

Recordar é algo que nós fazemos e para isso necessitamos da oportunidade, o encontro da imaginação e a habilidade da composição. Por isso, a memória tem a forma de uma narração desde um ponto passado até o presente em função de um ponto de vista que se faz significativo. (LARROSA, 2004, p. 16, *apud* WITTIZORECKI et al, 2006, p.18)

As lembranças não emergem no vazio. Não se tratam de escolhas sempre racionais, mas também de “escolhas” sensíveis, intuitivas. Lembrar não é reviver, mas dispor-se à reedição da vida e das relações sociais, com imagens e ideias atuais, pois as lembranças têm uma dimensão individual e coletiva. Lembrar de si é também lembrar-se na relação com o outro, com a cultura, com a sociedade. Lembrar de si é posicionar-se no tempo e no espaço. Narrar a si mesmo é, também, uma forma de organizar e transformar a realidade social, as questões da ordem do coletivo, do comunitário, a partir de modos de comunicação e linguagem produzidos e legitimados culturalmente.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

As narrativas são escritas biográficas, escritas de si. Escrever é parte do processo de compreender (AREND, 2008 apud PASSEGI, 2011). As palavras são “uma forma de construir uma realidade humana, ou de humanizar a realidade transformando-a em discurso”, coloca Passegi (2011, p.148).) Ao escrever sobre a própria história “[...] explicamos e entendemos nossas relações no mundo da vida, tanto com os objetos quanto com as outras pessoas e conosco mesmo.” (MOLINA NETO; MOLINA, 2005, p.36) O exercício de narrar nossas experiências torna presentes normas, valores, conceitos, práticas passadas ou presentes que são revisitadas, repensadas, re-elaboradas. Falar ou escrever nos faz problematizar nossas escolhas, nossas adesões ou nossas resistências, tanto pessoais como profissionais, já que as mesmas estão misturadas, constituem uma mesma história de vida. Nossas experiências pessoais constituem saberes necessários à vida profissional. Nesse sentido, as narrativas constituem-se em referenciais de vida. (WITTIZORECKI et al, 2006)

As narrativas não refletem de modo linear ou simples as experiências reais do sujeito que narra. As pessoas que narram vêm-se obrigadas a recorrer a modos lingüísticos ou, em palavras de Bernard Charlot (2000), a práticas linguageiras com as quais estão familiarizadas para narrar suas histórias. Por isso, sem dúvida, a narrativa é também uma forma de prática social através da qual o sujeito elege/escolhe/busca/constrói, a partir de um repertório sociocultural de relatos (coletivo), o que melhor expressa a sua narrativa pessoal, ou seja, a sua história. (WITTIZORECKI, 2006,p.25)

Narrativas biográficas não se tratam de uma mera descrição, de “puro reflexo de uma vida vivida, mas o vivido de um agora em ato presente”. (COSTA, 2011, P.46) A narração da experiência vivida, não é o mesmo que a experiência em si, mas uma recriação desta. (MOLINA NETO; MOLINA, 2005) O investigador que se utiliza das narrativas como perspectiva de pesquisa, por sua vez, não busca averiguar a “veracidade” da história que está sendo contada, não cabe a ele dizer o que aconteceu, se aconteceu, como aconteceu ou o que “realmente” aconteceu. Sua “tarefa” é compreender o que está sendo contado, como a experiência foi vista pelo narrador, como foram produzidos os sentidos que atravessam a história.

[...] numa biografia, mais do que a verdade de uma vida, o que é posto em questão é a arqueologia do próprio desejo de escritura e de, sobretudo, suas improbabilidades. [...] O componente biográfico é assumido não somente pelo pacto referencial diante da realidade vivida como também pelo flerte que estabelece com a escritura [...]. (COSTA, 2011, p.11)

Narrativas têm a ver com contar histórias. Contar as histórias, escrevê-las ou escutá-las tem a ver com compartilhar experiências, tem a ver com flertar com as experiências dos outros. “Os modos de vida inspiram maneiras de pensar e escrever; os modos de pensar e escrever criam maneiras de viver”. (CORAZZA, 2006, p.29 apud COSTA, 2011, p.33)



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

As escritas de si como prática investigativa

Se somos filhos de nosso tempo, mais do que filhos de nossos pais, a ressignificação da experiência, durante a formação, implicaria encontrar na reflexão biográfica marcas da historicidade do eu para ir além da imediatez do nosso tempo e compreender o mundo, ao nos compreender: Por que penso desse modo sobre mim mesmo e sobre a vida? (PASSEGI, 2011, P.149)

A reflexividade, coloca Passegi (2011, p.149), ao apresentar o pensamento de Wilhelm Dilthey (1833-1911), “é imanente à vida; ela está lá, antes de qualquer objetivação científica, racional”. Refletir é algo que acompanha nossas experiências, nossas escolhas, nossas decisões, nossos encontros. Nossas percepções, ideias ou conceitos nos colocam numa constante problematização diante das coisas da vida, ainda que desejemos nos manter nos mesmos lugares, seguindo os mesmos caminhos, ainda que as mudanças, os desconfortos, as “revoluções” não povoem as nossas intenções.

As narrativas, como proposta investigativa, convidam aqueles que contam suas histórias e aqueles que as lêem ou escutam a refletir sobre trajetórias pessoais, que são ao mesmo tempo individuais e coletivas, que são produzidas e produzem culturas num constante devir. Narração é movimento, é transitoriedade, é mutabilidade, é ser em processo. Durante o processo investigativo, “[...] a narração é o lugar no qual o indivíduo *toma forma*, no qual ele elabora e experimenta a história de sua vida (DELORY-MOMBERGER, 2008, p.56 *apud* HONÓRIO FILHO, 2011, p.195) [grifos da autora]

A “história de vida” não é a história da vida, mas a *ficção* apropriada pela qual o sujeito se produz como projeto dele mesmo. Só pode haver sujeito de uma história a *ser feita*, e é, à emergência desse sujeito, que *intenta* sua história e que se experimenta como projeto, que responde o movimento da biografização. (DELORY-MOMBERGER, 2008, p.66 *apud* HONÓRIO FILHO, 2011, p.195)

Na abordagem (auto)biográfica de pesquisa o foco, eixo, centralidade não está no conhecimento “das coisas”, mas no conhecimento de “quem conhece as coisas, ou seja, as pessoas”. (HONÓRIO FILHO, 2011, p.194) Cabe ao investigador criar oportunidades, projetar tempos e espaços, estratégias para o exercício de narrar/refletir/problematizar/articular “conhecimentos, representações, técnicas e significados singulares a cada indivíduo ou grupo, mas, simultaneamente, representativo de uma coletividade mais ampla onde grupo e indivíduos se inserem”. (WITTIZORECKI, 2006, p.27-28) Josso (2010) *apud* Honório Filho (2011) nos diz que o valor das teorizações está justamente na abertura, nas problematizações que elas suscitam e não nas conclusões a que chegam.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

Boaventura de Sousa Santos (2009) disse que não cabe à ciência descobrir, mas criar. Não se trata de descobrir as pessoas, mas de criar oportunidades narrativas para que elas se reinventem ao “caminhar para si” através das longas estradas dos relatos de vida. (HONÓRIO FILHO, 2011, p.194)

O exercício de narrar-se dá voz ao estudante-estagiário, transforma-o em sujeito da reflexão, em protagonista de sua formação. Suas recordações contribuem para a compreensão a respeito de como tem se dado sua formação, como têm sido suas experiências de vida, pessoais/acadêmicas. “Ao narrar-se, o *testemunhador* fala de um mundo que viveu, vive e quer viver. No diálogo com o investigador, é mobilizado a dizer os significados das suas vivências, como chegou a conhecer o que conhece” (HONÓRIO FILHO, 2011, p.195) [grifo do autor], como aprendeu o que sabe e o que sabe do que aprendeu. (HONÓRIO FILHO, 2011) Cabe ao investigador à tarefa de ser mediador dessa experiência.

Passegi (2011), ao apresentar sua experiência de “*mediação biográfica*” (p.51), coloca três perguntas indutoras da reflexão bastante interessantes: “*Que experiências marcaram a minha vida intelectual e profissional?*” (p.151) “*O que essas experiências fizeram comigo?*” (p.151) “*O que faço agora com o que isso me fez?*” (p.152) [grifos da autora]

Ao propor que os narradores escrevam ou falem sobre as experiências que marcaram a vida intelectual e profissional, a autora deseja que sejam retomadas as “[...] experiências fundadoras, as quais abrem espaços para o trabalho de compreensão de como elas afetaram a pessoa que narra e a que escuta.” (PASSEGI, 2011, p.151)

Ao retomar a forma como essas experiências afetaram a vida dos sujeitos, torna-se possível compreender, diante de si e do outro, “os dilemas, conflitos ou certezas que perpassaram ou ainda perpassam suas experiências profissionais e intelectuais e que pontuam sua trajetória profissional.” (PASSEGI, 2011, p.151) Compreender como os fatos, as ideias ou as pessoas nos afetaram e afetam relaciona-se a compreender a que “tribos” nos filiamos, o que provocou ou provoca nossas adesões às tradições ou às rupturas, à ultrapassagem ou não de zonas de fronteiras, a

[...] encontrar nexos entre experiências e espaços sociais, entre a temporalidade subjetiva e o tempo histórico, para compreender sentimentos de (in)adequação social ou intelectual face às tradições do seu grupo familiar, institucional, etc. [...] compreender a experiência vivida significa compreender a si mesmo como agente e paciente de sua história. (PASSEGI, 2011, p.151-152)

Por fim, compreender o que fazer com o que a vida fez/faz conosco nos dá a dimensão de autoria, de sermos capazes de protagonizar as nossas atuais e futuras experiências, nos dá a dimensão de que nossas escolhas têm a ver com a possibilidade de olharmos quem somos e escolhermos quem queremos ser, como queremos ensinar, nos relacionar, viver, nos dá a dimensão de que somos criadores de nós mesmos. Compreender o que fazer com o que a vida fez/faz conosco nos permite nos apropriarmos de nossas próprias vidas. A reflexão biográfica,



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

portanto, se constitui de “[...] espaços-tempos geradores de aprendizagens que partem da vida, do saber da experiência vivida e retornam sobre si mesmo, como um novo alento para a vida”. (PASSEGI, 2011, p.152)

Esse apropriar-se da própria vida, ser autor do próprio trabalho esparrama-se para a vida do pesquisador, pois a experiência narrada transforma-se, também, na experiência de quem ouve a história. (WARSCHAUER *apud* JOSSO, 2004, p.10, *apud* WITTIZORECKI, 2006, p.22)

Ao escrevermos em histórias de vida, precisamos ter presente que não estamos simplesmente reproduzindo ditos de quem pesquisamos, estamos, isto sim, olhando uma vida de nosso jeito, de tal forma que não somente a ele é possível ver-se no texto, mas, também, nós mesmos podemos nos enxergar nesse texto.” (TIMM, 2010, p.51 *apud* HONÓRIO FILHO, 2011, p.190)

Há, portanto, uma “mistura de vidas”, que coloca o pesquisador também “no centro do problema.” (HONÓRIO FILHO, 2011, p.190) É necessário, no entanto, que o pesquisador tenha o cuidado para não se confundir com os autores das vidas investigadas. Ao pesquisador cabe o exercício do estranhamento, da leitura das discontinuidades, dos paradoxos, das singularidades e da escuta dos “silêncios das palavras”. (COSTA, 2011, p.13)

REFERÊNCIAS

- COSTA, Luciano B. da. **Estratégias biográficas**: o biografema com Barthes, Deleuze, Nietzsche e Henry Miller. Porto alegre: Sulina, 2011.
- HONÓRIO FILHO, Wolney. Velhas histórias coladas à pele: a importância das histórias de vida na formação do professor. In: **Educação**. Porto Alegre: EdUPUCRS, v.34, n.2, p.189-197, maio/ago 2011.
- LÓPEZ, Alexis. Ser ou não ser Triqui: entre o narrativo e o político. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (org). **Habitantes de Babel**: políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- MOLINA NETO, Vicente; MOLINA, Rosane M. K. A construção narrativa como instrumento metodológico de formação. In: SILVA, Ana M.; DAMIANI, Iara R. (org). **Práticas Corporais**: Trilhando e Compar(trilhando) as Ações em Educação Física. v.2 Florianópolis: Nauembla Ciência & Arte, 2005.
- PASSEGI, Maria da C. A experiência em formação. In: **Educação**. Porto Alegre: EdUPUCRS, v.34, n.2, p.147-156, maio/ago 2011.
- WITTIZORECKI, Elisandro S. *et al.* Pesquisar exige interrogar-se: a narrativa como estratégia de pesquisa e formação do(a) pesquisador(a). In: **Movimento**. Porto Alegre: UFRGS, v.12, n.02, p.09-33, maio/ago 2006.